

# **Bernardino Jordão - um republicano visionário**

*Maria Elisabete de Sousa Pinto*

Investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»,  
Grupo de História das Populações, Universidade do Minho.



## Introdução

**A vida e obra de Bernardino Jordão constitui uma referência incontornável quando se procura conhecer o ambiente social, económico e cultural vimaranense no final do século XIX e primeira metade do século XX. A sua invulgar trajectória pessoal e empresarial merece uma abordagem histórica de maior fôlego, sendo o presente artigo apenas uma singela evocação neste ano em que se comemora o centenário da implantação da República a um homem que defendeu os ideais republicanos e que adoptou Guimarães incondicionalmente como a sua Cidade. O presente trabalho resulta de uma análise das notícias e textos publicados nos jornais e observações colhidas em algumas obras dispersas sobre os factos da história vimaranense do século XX. Pretende-se assim apenas evocar a memória daquele que consideramos ser um republicano visionário cuja acção contribuiu para a afirmação de Guimarães, no contexto social e económico do Norte do País<sup>1</sup>.**

“Um vimaranense devotado e infatigável” é desta forma que Bernardino Jordão é descrito na abertura do livro “A Electricidade em Guimarães”, publicado em 1959, para assinalar o cinquentenário da instalação em edifício próprio, da subestação para fornecimento da luz eléctrica em Guimarães. Apesar de não ser natural de Guimarães, foi esta a sua cidade adoptiva e aqui passou a maior parte da sua vida.

Nascido em S. Romão de Arões, concelho de Fafe, a 11 de Março de 1868, Bernardino Jordão era filho de Francisco José da Cunha Jordão (09/12/1836 - ?) e de Luísa Soares Leite (01/05/1835 – 30/10/1869), um casal de proprietários rurais. A vida do campo parece não o ter motivado, dedicando-se no despontar da adolescência à actividade comercial em Guimarães. Como era frequente na época, iniciou a sua prodigiosa carreira como marçano, no estabelecimento de lanifícios de António Pereira da Silva, onde trabalhou durante seis anos. “Matriculou-se como aluno externo na escola do Asilo de Santa Estefânia, aperfeiçoando a aprendizagem da leitura e da escrita. Convidado mais tarde por João de Melo, sócio-gerente da Casa Manuel Pinheiro Guimarães, entrou ao serviço desta sociedade, passando a ser viajante nas províncias do Minho e Trás-os-Montes. Depois, graças ao empréstimo de um conto de réis concedido pelo comerciante de ourivesaria António José Fernandes, tornou-se sócio daquela conceituada casa”<sup>2</sup>.

A 2 de Janeiro de 1895 casou com D. Joaquina do Patrocínio Leite Lage, filha de Francisco José Leite Lage e de Maria do Patrocínio Leite Pereira da Silva, natural da Casa da Lage, freguesia de Cepães, Fafe.

O casal estabeleceu residência em Guimarães, onde Bernardino Jordão continuava a prosperar na actividade comercial. Em 1899, estabeleceu-se com o negócio de tecidos por grosso e a retalho no Passeio da Independência, uma das artérias comerciais mais importantes da Cidade.

<sup>1</sup> Aos netos Belmiro Jordão, Eduardo Madureira Jordão e Óscar Jordão Pires, o agradecimento por algumas informações prestadas. Aos vimaranenses Belmiro Pimenta e Raimundo Fernandes, o sincero reconhecimento pela colaboração prestada na elaboração deste artigo.

<sup>2</sup> *A Electricidade em Guimarães*, ed. Bernardino Jordão, Filhos & Comp. Lda, 1959: s/p.

*“O seu espírito de iniciativa, larga visão comercial e muitas faculdades de trabalho tornaram-no, dentro em pouco, uma das figuras mais consideradas do comércio local. Os seus recursos foram aumentando, o que lhe permitiu desenvolver muito os seus negócios e auxiliar as iniciativas alheias. Vários ramos de actividade como moagens, fabricação de calçado, ourivesaria e comércio de vinhos receberam de Bernardino Jordão auxílios e impulso. (...)*

*O seu conceito da vida social era de que nela cabem lucros e prejuízos e de que se é necessário tudo fazer para obter os primeiros, há que aceitar também os segundos como uma consequência do risco que em todos os negócios corre o comerciante”<sup>3</sup>.*

A já referida obra editada pela firma Bernardino Jordão, Filhos & Companhia, Lda. constitui o documento com informações mais pormenorizadas sobre o perfil do seu fundador. Ocasionalmente, a imprensa vimaranense faz alusão ao resultado dos empreendimentos do arrojado empresário, sobretudo quando o seu nome passa a estar associado à novidade que era naquela época a distribuição da energia eléctrica.

A companhia inglesa United Electric Light and Power Supply C.º Ltd por escritura de concessão de 24 de Setembro de 1901, comprometeu-se a construir em Guimarães uma central. Inaugurado a 16 de Agosto de 1903, esse empreendimento britânico tinha sido precariamente instalado num barracão situado no Campo da Feira, junto ao palacete de Vila Pouca. “A Central era constituída por duas caldeiras e duas máquinas a vapor accionando dois dínamos, um de 217 e outro de 435 amperes. A exploração da concessão atravessou problemas financeiros, obrigando a empresa a recorrer ao crédito, hipotecando os seus bens. Foi o industrial e comerciante Bernardino Jordão quem valeu à concessionária, tendo sido nomeado seu procurador, “com poderes para gerir e administrar os bens e negócios em Portugal”<sup>4</sup>. Em Setembro de 1908, Bernardino Jordão adquiriu todo o activo e passivo da Companhia Inglesa por 700 libras.

Então, proprietário do Palácio de Vila Flor<sup>5</sup>, Bernardino Jordão construiu nos terrenos da propriedade dois edifícios, “um em que instalou uma locomóvel Lanz de 200 H. P., accionando dois dínamos de corrente contínua e já com espaço para outra locomóvel, e outro para escritórios. A 31 de Outubro de 1909, a nova central foi inaugurada, merecendo o investimento aplauso da comunidade e do Governo. Em 1916, obteve a concessão de aproveitamento hidro-eléctrico do Rio Bugio, fundando com as firmas António da Costa Guimarães, Filhos e Comp. e Cruz & Comp. a Empresa Hidro-Eléctrica do Corvete cuja central com a potência de 900 H.P (duas turbinas, uma de 600 e outra de 300) entrou a funcionar em Maio de 1917, a locomóvel passando a reserva para a época do Verão.

As necessidades de consumo de energia aumentavam a nível industrial e doméstico. Em 1921, Bernardino Jordão transferiu a concessão da electricidade para a firma Bernardino Jordão, Filhos & Companhia Lda., em que passaram a participar os seus filhos. Neste ramo de actividade, a família Jordão foi uma referência no concelho de Guimarães, obtenção a concessão para o

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> Moraes, Maria Adelaide Pereira de, «O Palácio de Vila Flor», *Boletim de Trabalhos Históricos*, ed. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães, 2006.



alargamento e exploração da rede de distribuição de energia eléctrica que permitiu a substituição das candeias de azeite e das velas de cera que, até então, permitiram ver na escuridão. E a expressão: “Desliga a luz que o Jordão já é rico” começou a andar de boca em boca, quando se pretendia alertar alguém para a necessidade de poupar no consumo de energia<sup>6</sup>.

Mas, não foram apenas os negócios ligados a múltiplas actividades económicas, nem a instalação, exploração e expansão da rede de energia eléctrica que moveram a atenção e o arrojo empresarial de Bernardino Jordão. Quando a 26 de Junho de 1901, Francisco Ribeiro Martins da Costa, “o Agra”, foi assassinado. As suspeitas recaíram sobre um tal Júlio de Campos, lavrador e proprietário da freguesia de São Torcato, “porque tendo relações com ele, muitas vezes afirmou ao declarante que havia de matar”. Júlio de Campos foi preso e foi Bernardino Jordão quem patrocinou a sua defesa, vindo a Guimarães o conceituado advogado Afonso Costa, já ao tempo figura do maior relevo na vida pública na Nação. Júlio de Campos foi ilibado do crime por falta de provas e saiu da prisão antes do desfecho do caso. O jornal o Comércio de Guimarães publica que Bernardino Jordão pagou “cinco contos de réis da respectiva fiança”. Após a repetição de julgamento, Júlio de Campos foi declarado inocente e o assassinio foi atribuído a José da Silva Oliveira, «o Zezinho de Segade» que confessou o crime, tendo alegado o “motivo de ciúmes”<sup>7</sup>.

Bernardino Jordão tornou-se amigo pessoal de Afonso Costa. Mais tarde filiou-se no Partido Republicano Português<sup>8</sup>. Fiel aos seus princípios ideológicos, nunca vacilou em defesa da verdade. Aliás, um processo relacionado com o suposto crime de furto de electricidade em que era acusado pela Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães e pelo Ministério Público, recorreu para o Supremo Tribunal de Justiça<sup>9</sup>.

Bernardino Jordão tinha celebrado com a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães um contrato pelo “qual esta se comprometia a fornecer-lhe energia eléctrica por meio de corrente de alta tensão necessária para a iluminação da Cidade de Guimarães”. Nesse contrato ficou estipulado que a Companhia “se obrigava a fornecer pelos preços que coincidiam com os da electricidade para iluminação, a energia para outras empresas industriais que ele estabelecesse, e isto dentro dos limites das suas disponibilidades”. Nessa ocasião, Bernardino Jordão tinha o projecto de montar uma fábrica de moagem accionada por energia eléctrica.

De acordo com o Presidente da Direcção da Companhia, na altura Eduardo de Almeida, a fábrica de moagem foi montada, sendo adaptada para o aproveitamento da energia eléctrica de Campelos como força motriz. As instalações receberam a corrente eléctrica necessária para a laboração, tanto de noite como de dia. Bernardino Jordão pagava a energia eléctrica contada no mesmo contador por onde passava a corrente para iluminação, constantemente examinado pelos

<sup>6</sup> A empresa foi também responsável pela expansão da rede energética em outras localidades do País, nomeadamente Felgueiras, Guarda. Observação feita por Óscar Jordão Pires.

<sup>7</sup> O Comércio de Guimarães, ed. 15 de Dezembro de 1903.

<sup>8</sup> A amizade entre Afonso Costa e Bernardino Jordão e a sua ligação à actividade dos republicanos antes e depois da implantação da República constitui um tema deveras interessante. Embora não seja esse o propósito deste artigo, uma abordagem dessa ligação afigura-se muito pertinente, caso venha a ser facultado o acesso ao arquivo familiar.

<sup>9</sup> «Supposto Crime de Furto de Electricidade», agravante: Bernardino Jordão; agravados: Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães e o Ministério Público, Tipografia Progresso, Porto, 1916; Exemplar pertencente ao vimaranense Raimundo Fernandes, gentilmente cedido para consulta.

agentes da Companhia. O acordo verbal manteve-se até ao falecimento de Eduardo de Almeida, continuando a ser cumprido pelos directores que o sucederam. O acordo não chegou a ser escrito porque, entretanto, a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães pretendia impor a celebração de um contrato por um grande número de anos, conjugando o fornecimento de energia quer para a moagem quer para a iluminação pública. “Essa imposição ia até ao ponto de querer que Bernardino Jordão se sujeitasse a consumir a energia eléctrica da Companhia para a iluminação da cidade de Guimarães, não só durante o prazo da primitiva concessão, mas durante o prazo de prorrogação obtido”<sup>10</sup>.

Bernardino Jordão foi assim pronunciado do crime de furto de energia hidro-eléctrica pertencente à Companhia no valor de 80 a 100 escudos.

Nessa publicação, Bernardino Jordão faz saber ao público: “em defesa da minha honra, que é o melhor património de meus filhos, levei até ao Supremo Tribunal de Justiça o processo que injustíssimamente me foi instaurado pela Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, de que é director o Coronel Médico reformado Augusto José Domingues de Araújo, principal instigador do mesmo processo. Agora que aquele venerando Tribunal me desagravou plenamente julgo dever publicar desde já o seu acórdão para que toda a gente veja quanto era caluniosa a acusação que me foi feita”<sup>11</sup>.

A responsabilidade, a honra e o sentido de compromisso foram características que pautaram a sua conduta na vida pública e privada. De igual forma, a humildade e a generosidade para com os mais desfavorecidos são aspectos da sua personalidade atribuídos pelos autores que o conheceram e traçaram o seu perfil. Maria Adelaide Pereira de Moreira no seu trabalho sobre o Palácio de Vila Flor foca esses aspectos, ao recordar como Bernardino e toda a família Jordão protegia Izildinha, uma menina que vivia em frente à Estação a quem foi atribuído o dom da santidade. Faleceu em 1911 e o seu corpo após ter permanecido quatro décadas sepultado no cemitério paroquial de Urgezes foi trasladado para o Brasil, onde é ainda venerado pelo povo<sup>12</sup>.

Na imensa rede de instituições vimaranenses, os Bombeiros Voluntários de Guimarães e o Lar de Santa Estefânia mereciam privilégios da empresa de Bernardino Jordão. Estavam isentos do pagamento de energia eléctrica. O mesmo acontecia ocasionalmente com aqueles a quem escasseavam recursos para o pagamento das facturas.

No seu livro *Páginas Minhotas*, Alfredo Pimenta descreve a prontidão com que Bernardino Jordão acedia à resolução dos problemas relacionados com a distribuição de energia, ao relatar a forma como a iluminação eléctrica entrou na Casa da Madre Deus<sup>13</sup>.

*“Durante anos tive de me conformar ao pior: as velas de estearina e os candeeiros de petróleo. Amofinava-me, inquietava-me e assustava-me desde que um começo de incêndio nos chamou à*

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 53.

<sup>12</sup> Nuno, Pedro, *Izildinha, o Anjo do Senhor*, ed. Pereira Cardoso, S. Paulo, Brasil, 1953. Interessante biografia de Izildinha, com um retrato realista de aspectos da sociedade e costumes da região minhota na primeira metade do século XX. Consulta da obra facultada por Raimundo Fernandes.

<sup>13</sup> Pimenta, Alfredo, *Páginas Minhotas*, ed. Bloco, Lisboa, 1950.

*triste realidade das coisas. Um dia, decidi-me: perguntei ao excelente e saudoso Bernardino Jordão: «não posso ter luz eléctrica em casa?» E ele, sorrindo, respondeu: «pode; consiga V. Exa. que a Câmara me deixe alargar a rede de electrificação». Ora eu sabia que o prazo da concessão estava a terminar. E o Presidente da Câmara, o Cuecas, não fazia nada que não fosse hostilizar-me. De modo que repliquei a Bernardino Jordão: «então, nada feito; tudo perdido; paciência...»*

*Bernardino Jordão ficou silencioso uns minutos, e a sorrir, os olhos muito brilhantes, observa-me: «... que eu, se quiser, ponho-lhe a luz em casa, sem pedir nada à Câmara...*

*«Quê?!» disse eu, receoso de estar a ser vítima de mangação. «Quê?!» repeti eu.*

*E Bernardino Jordão, olhando bem para mim, interroga: «o sr. Dr. Dá-se bem com o vizinho da Veiga?» E eu respondi: «nem bem, nem mal; estamos frios...»*

*«Não faz mal», esclarece Jordão. «Somos amigos e ele não me diz que não. As terras de V. Exa. tocam nas dele, não é verdade?»*

*«Tocam». «Pois bem, de hoje a oito dias, terá luz eléctrica em sua casa...» Eu ainda repliquei: «Sr. Bernardino Jordão, não esteja a brincar comigo... Isto parece um sonho...»*

*E Bernardino Jordão, levantando-se, a despedir-se: «é o que lhe digo: de hoje a oito dias, tem aqui a luz eléctrica...» (...) Passaram os oito dias – e nada!*

*«Eu não te dizia?», lembrava-me minha mulher. E eu, desconsolado, mas a fingir-me forte: «Quem sabe?»*

*No dia seguinte, de manhã, uma carta do Jordão, a pedir desculpa do atraso, mas tivera que empregar o pessoal todo em serviço urgente; prevenia-me, porém, de que dois dias depois, às sete horas da manhã, estariam à minha porta duas camionetas com tudo o que era preciso para a instalação.*

*E dois dias depois, aniversário de Aljubarrota, às sete da manhã, paravam à porta duas camionetas com postes, fios, homens; e à uma hora da tarde, acendia-se uma lâmpada eléctrica, a primeira! Na minha casa! O pessoal trabalhou todo o dia. Eu tinha que fazer uma conferência comemorativa do feito de 1385, no Museu de Alberto Sampaio. Jantei com a casa toda iluminada. Mandeí abrir todas as janelas, para que o povinho do lugar visse que havia ali uma casa com luz eléctrica. O povo parava, a olhar, banzado, o grande acontecimento.*

*E Bernardino Jordão, generoso como poucos, não me levou nada pela instalação até à porta de casa. À minha custa, apenas a instalação interior. Diziam-me alguns: «foi letra que aceitou; qualquer dia, o vencimento! (...) Nunca me apresentou letra alguma. O grande, inesquecível favor que me fez, nunca lho paguei»<sup>14</sup>.*

Republicano firme na ideologia política que preconizava, Bernardino Jordão gozava da estima de muitos monárquicos. Maria Adelaide Moraes acrescenta um outro testemunho: “adoecera gravemente o Exmo. Senhor Domingos Ribeiro Martins da Costa. Longe da Cidade, no encantador cenário do seu solar de Aldão, não havia maneira de efectuar umas radiografias necessárias para

<sup>14</sup> Nuno, Pedro, *Op. cit.*, pp. 227-228.



saber do estado do paciente. Ao saber da aflição da família, Bernardino Jordão, logo, sem cobrar instala a luz em Aldão permitindo o tratamento”<sup>15</sup>.

Em Guimarães, durante a primeira metade do século XX, Bernardino Jordão funcionou como uma espécie de arauto da modernidade, de embaixador do progresso e do desenvolvimento. Terá sido o primeiro a circular pela Cidade ao volante de um automóvel. Essa novidade é assim descrita por Pedro Nuno, no livro já mencionado *Izildinha – o Anjo do Senhor*:

*“Tinha naquele tempo Bernardino Jordão um dos poucos automóveis particulares existentes na Cidade. Tratava-se de um enorme carro Benz, capota quadrangular de couro, tipo móvel, com um banco comprido de largo na frente; atrás, duas cadeiras e um espaçoso assento, a completar as acomodações. Punha-se em movimento o ruidoso motor sob o impulso de uma manivela e por acção do magneto. Desprovido de partida eléctrica, seus faróis eram alimentados a acetileno. Uma corneta, accionada a sopro pela compressão de uma pera de borracha, anunciava com estrondo sua singular passagem, para gáudio dos transeuntes e susto de algum desprevenido, que dava um salto bem maior do que os do cidadão de hoje, ao roçar do mastodonte...*

*A acção do motor do automóvel chegava às rodas por meio de correntes, cremalhadas ao eixo traseiro do carro. Na sua mais acelerada marcha, devia desenvolver-se seus cinquenta quilómetros horários, altíssima velocidade para a época.*

*Nesse veículo, notável então, costumava Bernardino realizar belas excursões pelos arredores de Guimarães. Merecia ele esse repouso, pois era um grande trabalhador, infatigável no seu labor profissional durante todos os dias da semana. Mesmo aos domingos ou dias de festa nacional não costumava ter justo descanso, entre os seus, no lar. Conhecia seus deveres de chefe e de pai, entretanto. Por isso, via a necessidade de dedicar-se um pouco à família nos raros momentos de folga sobrados dos seus inúmeros afazeres de industrial.*

*Nessas horas dedicadas ao repouso, aos seus, Bernardino levava os filhos a passear no seu enorme e barulhento automóvel, que se tornava então pequeno para acomodar toda a gente. Mas a boa camaradagem e boa vontade sobrepujavam o aperto. Em comunhão fraternal, mulher filhos e parentes ajeitavam-se no vetusto automóvel, por ele mesmo guiado.*

*Lá iam todos estrada fora, em claras e sedutoras manhãs, a visitar os lindos arrabaldes da cidade, em alegres piqueniques. Eram excursões agradáveis, entre o garrular, as risadas das crianças e as conversas cheias de cordialidade dos adultos”<sup>16</sup>.*

O automóvel constituía uma companhia inseparável da vida de Bernardino Jordão. Os seus descendentes recordam o seu companheiro dessas viagens, o motorista “Manuel Moleiro”<sup>17</sup>. Esse vincado carácter inovador e firme nos propósitos traçados manteve-se inalterado até ao fim da sua vida, motivando inúmeras contrariedades. Já com setenta anos feitos, assinala o autor da referida monografia *A Electricidade em Guimarães*, o seu rasgado espírito de iniciativa que,

<sup>15</sup> Moraes, Maria Adelaide Pereira de, *Op. cit.*, p. 42.

<sup>16</sup> Idem, pp. 140-141.

<sup>17</sup> Informação concedida por Óscar Jordão Pires.

no tocante ao progresso de Guimarães se afirmou e avultou em outros aspectos económicos, levou-o à construção de um Teatro, à altura da Cidade que todos os vimaranenses desejavam, mas não encontrara até então realizador. “Por perseguição política teve de acompanhar da prisão a evolução dos trabalhos da construção. Mas isso não lhe quebrou o ânimo”<sup>18</sup>.

Na pesquisa que actualmente Belmiro Pimenta está a efectuar no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, no fundo particular de Rodrigo Pimenta nas cartas dirigidas a Alfredo Pimenta, doadas à instituição, podemos acompanhar a intensidade das informações trocadas sobre o assunto entre os dois irmãos.

A 26 de Abril de 1938, após a prisão de Bernardino Jordão, Rodrigo Pimenta informa o irmão Alfredo Pimenta: “de Jordão sabe-se que estão a fazer o processo e depois ficará em liberdade”.

O quadro seguinte apresenta alguns excertos da correspondência entre Rodrigo e Alfredo Pimenta sobre o assunto:

Data	Mensagem
07-04-1938	“(…) O Jordão foi preso para o Porto na noite de 5 para 6. Ignora-se a razão. Suspeita-se que havia ligação entre ele e o Domingos Pereira exilado em Espanha. O velho não tem juízo”(…)
08-04-1938	“(…) O Bernardino Jordão foi preso porque encontraram nos documentos de outro preso, um homem de Basto implicado nas manobras do louco Paiva Couceiro, cartas dele, Jordão, sobre empréstimos de dinheiros. E daí levarem o Jordão para o Porto para esclarecimentos. O que revoltou muita gente foi a forma de o deterem. Entraram com chaves falsas na cave dele, de noite, e foram ter ao quarto dele, à cama, para o obrigarem a acompanhá-los. Esta maneira de prender serve aos inimigos de Salazar para a propaganda subversiva costumada. Sabe-se, porém, que o Jordão está bem tratado em quarto especial e que em breve voltará a Guimarães.(…)” <sup>1</sup>
16-04-1938	“(…) O Jordão continua detido. Diz-se agora que não é por política. Trata-se de negócios de contrabando na província espanhola, em que o Estado se sente lesado. Uma trapalhada gigantesca. Lá vai o Teatro, por má sorte da terra”(…)
26-04-1938	“(…)de Jordão sabe-se que estão a fazer o processo e depois ficará em liberdade. Diz ele que o caso é político. Mas nada se pode acreditar”(…)
17-06-1938	“(…) Jordão continua preso. De 21 a 24 devem vir os pergaminhos no Porto pelo Tribunal especial. Depois ou vai em liberdade ou terá de cumprir pena que lhe aplicarem. Nada sei de detalhado”(…)

A construção do Teatro foi concluída. Alfredo Pimenta num texto publicado na edição de 23 de Outubro do jornal *Notícias de Guimarães* partilha impressões recolhidas na visita efectuada ao Teatro Jordão em obras:

*“Na lista das aspirações de Guimarães, há muitos problemas, alguns dos quais parecem infelizmente eternizar-se. O do teatro era um dos mais interessantes, oportunos e justificados. Tendo saído de Guimarães aos 16 anos, não me posso dizer frequentador das casas de espectáculos vimaranenses.*

<sup>18</sup> Cf. *A Electricidade em Guimarães*, ed. Bernardino Jordão, Filhos & Comp. Lda, 1959: s/p.

*Mas por um motivo ou por outro conheci-as: autênticas vergonhas e indiscutíveis ratoeiras.*

*Quando, um dia, para fazer uma conferência política entrei no velho casarão do Campo da Feira, puseram-se-me os cabelos em pé, e eu pasmei da inconsciência com que, durante anos e anos, a cidade se prestou a encafuar-se naquilo...*

*O teatro, a par da sua função artística, de divertimento, e da sua missão económica de fazer ganhar dinheiro, é um grande instrumento de convivência social e de solidariedade moral.*

*Se esta última função desce para plano secundário nos grandes meios – pela multiplicidade das casas de espectáculos, e pela constante modificação na paisagem dos espectadores, em terras pequenas como Guimarães, o teatro deve ser o lugar em que toda a gente se encontra e toda a gente se vê.*

*Encontrar-se e ver-se repetidas vezes é absolutamente indispensável para que se mantenha no agregado urbano uma certa unidade.*

*Desgraçadamente, a vida de relações em Guimarães está, de há muito, em crise aguda. Quando abalei daqui há perto de quarenta anos, Guimarães era uma terra em que se convivia.*

*As famílias davam-se. Havia uma elite mundana brilhante, viva, animada, pitoresca que dava à vida social vimaranense uma cor e um tom verdadeiramente interessantes. (...)*

*O teatro-barracão, incómodo, perigoso, feio, sujo e frio não atrai ninguém. Mas o teatro cómodo, elegante, seguro, desafogado, bonito, limpo, e confortável há-de ser, fatalmente, centro de atracção, foco de convivência – em que todos se vejam, se conheçam e acabem por estimar-se. Foi a pensar nisto tudo que transpuz as portas do Teatro Jordão. (...) Durante uma hora e tal, fui o inspector da nova casa de espectáculos. Fiquei maravilhado! Corredores amplos, luz a jorros, aquecimento garantido, elegância sóbria, beleza – teatro que não deixará, sem dúvida, de ser dos melhores da Província, e não tem confronto nas suas proporções, com os de Lisboa.*

*Conheço a história desta velha aspiração vimaranense: centenas de artigos de jornais – nada; comissões sobre comissões – nada; subscrições tocadas ao piano, cantadas à guitarra – nada. E isto durante anos.*

*E de repente, por obra de milagre, por obra de prodígio, surge da terra, admirável nas suas linhas arquitectónicas, belo na sua significação, cativador na sua estrutura interna, lição magnífica para o Presente e para o Futuro – o Teatro que ontem fui visitar, e Guimarães poderá, a toda a hora, mostrar ao bárbaro, com orgulho, com envaidecimento, desafiando todas as apreciações. Quem operou o milagre? Quem operou o prodígio? Um homem que é na sua terra um Homem.*

*Com sua vontade de aço, com a energia audaciosa e clarividente; com o seu espírito desempoeirado; com o dinamismo sempre alertado da sua actividade, esse homem, sozinho, passando por cima de tudo e de todos, deu a Guimarães o que Guimarães há dezenas e dezenas de anos pedia e desejava, e nunca foi, por si, capaz de realizar.*

*O que uma cidade inteira, durante dezenas de anos, não teve forças para fazer – fê-lo um homem só, este homem que é, no seu tempo, e entre os seus conterrâneos, verdadeiramente singular.*

*Conheço, pessoalmente, o sr. Bernardino Jordão há três anos. De nome e de vista, conheço-o, desde que me conheço a mim.*

*Criou-se Bernardino Jordão a fama de homem de negócios. Benditos sejam os homens de negócios da sua natureza! Porque há de negócios e homens de negócios. Há os homens de negócios que só sabem olhar para si; e há os homens de negócios que fazem das suas faculdades instrumento do interesse colectivo.*

*Bernardino Jordão pertence a esta categoria. As suas qualidades de homem de negócios pô-las ele ao serviço da sua terra.*

*Tem ganhado muito? Dizem que sim. E ainda bem que tem ganhado muito. Aquele que acaba de dar à sua terra o monumento que ontem visitei soube, como pouquíssimos, transformar os benefícios da sua actividade fremente, em benefício geral, na satisfação cabale feliz, da velhíssima aspiração da sua terra.*

*Conheço-o, pessoalmente, há três anos. Devo-lhe a afirmação real duma simpatia espontaneamente prestada, e sem outra explicação que não seja a do excelente feitio de quem ma prestou. Isso nada influi nem no meu juízo, nem no meu entusiasmo, ao gabar o novo teatro, porque, através duma longa vida passada mais entre cardos do que entre rosas, já dei provas indestrutíveis do que sou, e como sou.*

*Dizem-me que Bernardino Jordão está ou esteve preso a orientações políticas bem distantes da minha.*

*Não me interessa essa circunstância – em primeiro lugar, porque entendo, desde sempre, que do Cavalinho para cá, só deve haver vimaranensismo. E se todos pensassem assim, bem diferente seria a situação de Guimarães, hoje. O que tem prejudicado, o que a prejudica é a pulverização em que vive.*

*Em segundo lugar – o que me interesse em Bernardino Jordão não são os seus sentimentos políticos partidários, se os tem, mas sim a sua actividade social, a sua obra vimaranense, a sua prodigiosa faculdade de iniciativa.*

*Deve-lhe Guimarães a luz que tem, a luz boa e barata que tem. É de lastimar é que o problema da luz se arraste de ano para ano, se transporte de Câmara para Câmara, emperrado, embaraçado, emaranhado não sei em que teias, não sei em que escrúpulos, não sei em que medos, não sei em que dificuldades, quando tão fácil era resolvê-lo, e em 24 horas, se se tivesse apenas em vista isto que é essencial: o concelho de Guimarães precisa de ter luz em toda a parte em que seja possível instalá-la, e o resto é secundário.*

*Deve Guimarães a luz boa e barata que tem, a Bernardino Jordão; deve Guimarães, agora, a Bernardino Jordão, o teatro magnífico que vai ser, brevemente inaugurado.*

*Porque temos luz e temos teatro, talvez se afigure a muita gente que o caso era fácil. O caso é fácil como tudo o que está feito. O difícil é fazê-lo. Bernardino Jordão é indiscutivelmente o taumaturgo leigo desta terra. É o feiticeiro que traduz em realidades tangíveis as linhas mais arriscadas do seu sonho.*

*Por Deus, senhores, aproveitem este homem! Aproveitem-no, ouvindo-o, e sendo-lhe gratos. Enquanto tantos dos seus concidadãos jogam a bisca ou o loto em família, ou gastam as horas às mesas dos botequins ou às portas dos estabelecimentos – este homem fervilha de lado para lado, mexe-se, gasta-se, consome-se, não pára um segundo, para dotar a sua terra de coisas de que ela precisa. (...)*

*Deu Bernardino Jordão a Guimarães, além do mais, a luz boa e barata que usufrui; deu Bernardino Jordão a Guimarães, o teatro magnífico que a envaidece justamente.*

*Que dá Guimarães a Bernardino Jordão?”<sup>19</sup>*

Assombrado pelas detenções recentes ou simplesmente discreto na acção, Bernardino Jordão recusou a realização de um banquete de homenagem que a Associação Comercial e Industrial de Guimarães tencionava promover no dia da inauguração do Teatro. Uma carta de Bernardino Jordão esteve na origem do cancelamento da iniciativa: “Pela notícia que li nos jornais vejo que a Digníssima Direcção pensa em me oferecer um banquete no dia da inauguração do meu Teatro, o que muito me contraria, pois, como todos sabem não sou pessoa para essas manifestações e por isso resolvo não anuir a tal desejo, limitando as festas a realizar só dentro do teatro. Agradeço muito reconhecido a ideia, mas pelo facto exposto não pode ser realizada”<sup>20</sup>.

Na véspera da inauguração do Teatro, Bernardino Jordão foi prevenido de que a nova casa de espectáculos não poderia ter o seu nome. Mesmo assim, o Teatro inaugurou-se a 20 de Novembro de 1938, sob a invocação do nome de Martins Sarmiento. Nesse dia, o *Notícias de Guimarães*, publicou um suplemento repleto de testemunhos alusivos ao homem e à obra.

Da pena de Delfim Guimarães saiu o poema:

*“Se a terra lhe deu pão, que é o oiro da riqueza,  
É que Ele, com labor, a soube arrotear...  
Foi sempre e será sempre: ela só dá pobreza  
Àquele que não quer a terra trabalhar...*

*Murmuram: não é nosso... Os nossos que fizeram?  
Pediram-lhe um teatro e... todos se calaram...  
A terra deu-lhes oiro e eles não tiveram  
A bênção para a terra: o oiro aferrolharam...*

<sup>19</sup> «Um Homem», *Notícias de Guimarães*, 23 de Outubro de 1938.

<sup>20</sup> Carta publicada no *Notícias de Guimarães*, edição de 13 de Novembro de 1938.

*Ele, Maior, sentiu-a: a terra, abençoou-a.  
E deu-lhe do seu oiro o pão espiritual.  
Com sua própria alma, ao céu alcandorou-a  
Abraçou-a ao seu Gil dos altos imortal.*

*Que a multidão, agora, o Homem, nossas almas  
- Povo de Guimarães, Senhoras e Senhores:  
O ergam na ovação de palmas, muitas palmas  
Num grande mar de flores.”<sup>21</sup>*

O teatro foi inaugurado numa tarde de domingo. Mais de 400 pessoas foram convidadas para a cerimónia, “de todas as camadas sociais desta Cidade, de Lisboa, Porto, Braga, Estremoz, Fafe, Felgueiras e muitas outras localidades. Depois de entoado o Hino da Cidade e dos brindes que a ocasião propiciava, usou da palavra Alfredo Pimenta: “A casa que se inaugura hoje, obra exclusiva do dinheiro, da vontade, da tenacidade, do bairrismo e do prestígio de Bernardino Jordão, como representa um alto e indiscutível serviço prestado a Guimarães, como é satisfação plena e admirável duma das suas mais legítimas aspirações de há muitos anos, é nossa, e todos nós devemos portanto aclamar sem reservas o homem que a ergueu, a tornou real e a deu à cidade”.

Depois da inauguração oficial, à noite, a Companhia do Teatro Nacional Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro – deu o seu primeiro espectáculo, com os Autos de Gil Vicente. “Antes de começar o espectáculo o sr. Jordão surgiu num camarote. Ao vê-lo toda a assistência, de pé, lhe fez uma manifestação carinhosa, que demorou alguns minutos, tendo o homenageado agradecido com um simples sorriso que deixava bem transparecer uma certa alegria e comoção”.<sup>22</sup>

Bernardino Jordão faleceu a 23 de Maio de 1940, ainda não tinham passado dois anos da inauguração do Teatro. A notícia da inesperada morte de quem “tão repentinamente foi roubado ao afecto dos amigos e carinho da família”<sup>23</sup> depressa se espalhou pelos jornais, com longas descrições sobre a sua capacidade empreendedora.

O jornal *O Comércio de Guimarães* observava: “Bernardino Jordão era alguém pela sua fecunda iniciativa e génio empreendedor”.

*Natural de Cepães, concelho de Fafe, veio muito novo para Guimarães, iniciando a sua aprendizagem como marçano. Bem depressa conquistou a simpatia dos Chefes, pelas suas rasgadas iniciativas e amor ao trabalho.*

*Não conhecia o descanso nem tinha receio às barreiras de competição. Sabia negociar, e os seus planos eram sempre coroados de êxito”.*

<sup>21</sup> *Notícias de Guimarães*, suplemento da edição de 20 de Novembro de 1938.

<sup>22</sup> *Notícias de Guimarães*, 27 de Novembro de 1938.

<sup>23</sup> *O Comércio de Guimarães*, edição de 31 de Maio de 1940.



Na edição de 26 de Maio de 1940, o jornal *Notícias de Guimarães* publica um longo artigo sobre o acontecimento. Entendemos reproduzi-lo pela importância que reveste para o conhecimento das diferentes facetas de Bernardino Jordão.

*“Fulminado por uma síncope cardíaca quando se encontrava no jardim público, finou-se inesperadamente, ao princípio da tarde de quinta-feira, o conceituado industrial Bernardino Jordão, figura prestigiosa que, mercê das suas extraordinárias faculdades de iniciativa e de actividade, soube elevar-se e impor-se à consideração e à estima dos seus concidadãos.*

*Por várias vezes e em sua própria casa, no Palacete de Vila Flor, o saudoso extinto fora acometido de idênticas crises, tendo a todas elas resistido. A sua última hora soou, porém, infelizmente, quando menos se esperava, pois (...) aparentava desde há bastante tempo boa disposição e regular saúde.*

*Bernardino Jordão era natural do concelho de Fafe, tendo nascido na freguesia de S. Romão de Arões. Novo ainda veio para Guimarães, onde aprendeu as primeiras letras, dedicando-se depois ao comércio.*

*De génio empreendedor e activo, franco e desassoribrado, não tardou que da sua fecunda actividade fosse colhendo frutos, e assim em poucos anos conseguiu ser o concessionário da iluminação pública da cidade de Guimarães. Dedidou-se, no rodar dos anos, a outras empresas e há bem pouco tempo ainda num gesto nobre de acrisolado bairrismo que os vimaranenses agradecidos souberam premiar com os maiores e mais justos louvores, fez levantar nesta cidade o teatro que possuímos, e que é, sem dúvida, um dos melhores do norte do País.*

*Bem merece que o saudoso morto que a cidade de Guimarães solicite aos Altos Poderes da Nação a autorização necessária para perpetuar a sua memória, dando àquela casa de espectáculos, cuja construção se deve exclusivamente à vontade firme e persistente do grande bairrista, o nome de quem tão bem soube interpretar o desejo de todos os vimaranenses.*

*Há poucas horas ainda fomos acompanhar à sua última morada o corpo do benemérito Homem que a morte – sempre traiçoeira – derrubou para sempre em plena rua. É cedo ainda, mesmo porque a comoção não permite fazer nestas ligeiras linhas, para traçar o perfil do prestante cidadão que fez do trabalho o seu verdadeiro sacerdócio. O tempo se encarregará de nos apontar a falta que o seu desaparecimento do mundo dos vivos causou”<sup>24</sup>.*

O artigo continua, revelando a dimensão da repercussão causada pela sua morte:

*“A sua morte causou geral consternação em toda a cidade, tendo ocorrido à sua casa durante a tarde e a noite de quinta-feira e todo o dia de sexta, inúmeras pessoas de todas as camadas sociais.*

*O seu funeral fez-se, segundo a vontade do extinto, tantas vezes manifestada com a maior simplicidade, tendo-se efectuado na tarde de anteontem no palacete de Vila Flor, sito à Avenida Cândido dos Reis, para o cemitério da freguesia de Urgezes, e constituiu uma extraordinária manifestação de pesar, em que se incorporaram milhares de pessoas de todas as posições sociais, desta cidade e redondezas, do Porto, Braga, Famalicão, Fafe, Felgueiras e outras localidades.*

<sup>24</sup> «Bernardino Jordão», *Notícias de Guimarães*, nº 433, 26 de Maio de 1940.

Pouco passava das 17 horas quando, após a encomendação feita pelo pároco de Urgezes, os filhos do pranteado morto retiraram o féretro da Câmara mortuária, conduzindo-o até ao portal, onde pegaram ao caixão alguns empregados da Casa Bernardino Jordão, Filhos & Companhia. O cortejo organizou-se e subiu lentamente a Avenida Cândido dos Reis (actual Avenida Afonso Henriques) a caminho de Urgezes. Nele tomaram parte o Presidente e Vereadores da Câmara Municipal, Delegado Especial do Governo em Guimarães, direcções da Sociedade Martins Sarmento, Grémio do Comércio de Guimarães, Sindicato Nacional do Comércio, da Casa dos Pobres, Bombeiros Voluntários, Academia Vimaranense, Alunos da Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda», Cantina Escolar, com os seus estandartes, Asilo de Santa Estefânia e Oficina de S. José, Chefe da PSP, Guarda Nacional Republicana, Juntas de Turismo da Penha e das Caldas das Taipas, representantes de várias empresas do norte do País e das Casas bancárias de Guimarães e Porto, pessoal da Casa Bernardino Jordão, Filhos & C.<sup>a</sup>, do Teatro Martins Sarmento e muitas pessoas de todas as posições sociais: médicos, advogados, oficiais de exército, capitalistas, industriais, proprietários, comerciantes, clérigos, funcionários públicos.

Depois dos responsos fúnebres rezados na igreja paroquial de Urgezes, onde o cadáver era já aguardado por numerosas pessoas, foi removido para o Cemitério enquanto os sinos tangiam a finado.

Junto ao humilde coval, que o saudoso morto escolheu para sua última morada, falaram, enaltecendo as qualidades do Homem que desaparecera, os seus íntimos amigos Augusto Pinto Lisboa, conceituado industrial no Pevidém, e Abel Lemann, do Porto.

Fez-se silêncio. Os clarins dos Bombeiros vibraram e, por entre lágrimas e soluços o corpo baixou à sepultura.

De entre muitas representações tomamos nota das seguintes: Eduardo de Almeida, representava o Sr. Dr. Manuel Monteiro; o sr. Rodrigo Pimenta, representava o irmão, o Sr. Dr. Alfredo Pimenta e José Fernandes Guimarães, o sr. Dr. Mariano Felgueiras. O «Notícias de Guimarães» fez-se representar pelo seu director que também representava o poeta Delfim Guimarães e o nosso camarada José Gualberto de Freitas.

O nosso camarada João de Deus também representava o jornalista Mário de Figueiredo.

A família dorida tem recebido muitas centenas de telegramas e cartões de condolências, de amigos e admiradores do extinto, empresas industriais e comerciais do Porto, Lisboa, Braga e outras terras do País, de empresas cinematográficas e teatrais, de Casas bancárias”.

De entre os muitos telegramas, o jornal Notícias de Guimarães reproduziu os seguintes:

«Coração a sangrar morte seu Pai e meu amigo e vimaranense Deus o tenha em Paz» - Alfredo Pimenta;

«Ferido pela surpresa dolorosa que os enluta envio a expressão do meu vivo sentimento» - Domingos Pereira;

«Sentindo cruel desaparecimento saudoso amigo Jordão envio V. Exa. expressão profundo pesar» - Manuel Monteiro;

*Também telegrafaram, lamentando a triste ocorrência, os srs.: Dr. Maximino de Matos, de Fafe; Lino Teixeira de Carvalho, de Lisboa; Francisco Teixeira de Carvalho, do Porto; Mariano Felgueiras, de Lisboa; Delfim Guimarães, de Gaia; João Ruela Ramos, do Porto; Matos Beja, de Coimbra; Companhia Industrial de Portugal e Colónias, Hidro-Eléctrica do Ermal; Hidro-Eléctrica da Varosa; União Eléctrica Portuguesa, Automóvel Club de Portugal.*

*Em sinal de sentimento pela morte de Bernardino Jordão, foram suspensos até ao dia 2 de Junho, os espectáculos no Teatro Martins Sarmento.*

*No dia do funeral e à hora do saimento fúnebre, a maior parte do comércio encerrou as suas portas em sinal de luto. Uma nota enternecedora e comovente: os petizes pobres, a quem Bernardino Jordão, desde a abertura do seu Teatro tanto acarinhou, dando-lhes entrada gratuita nas «matinéas» quiseram prestar à memória do seu bom Amigo uma significativa e espontânea homenagem e assim foram a sua casa, depondo junto do cadáver um ramo de flores com uma sentida dedicatória. E à hora do funeral todos apareceram – eram muitos – empunhando ramos de flores, que deixaram depois no cemitério sobre a sepultura, a traduzir a sua gratidão”.*

Numa carta datada de 25 de Maio de 1940, Rodrigo Pimenta dirige-se ao irmão descrevendo a cerimónia fúnebre. “Ontem, a pé para o cemitério de Urgezes foi digno do saudoso morto. Guimarães portou-se bem, gente de todas as camadas sociais fez a pé um percurso longo, debaixo de um sol escaldante. A acompanhar à última morada o vimaranense (era de Fafe, termo de Guimarães como se diz no Arquivo) activo e benemérito”.

Nas suas *Páginas Minhotas*, Alfredo Pimenta confessou o que sentiu ao saber da morte de Bernardino Jordão e da forma como procurou fazer justiça ao seu nome e a amizade que no final da vida os unia. “Quando, em Lisboa, soube que uma angina de peito o levara, pensei: «foi-se um amigo que ninguém substituirá...» Fiquei fiel à sua memória. E quando, um dia pude concorrer para que o Prof. Mário de Figueiredo, então Ministro da Educação Nacional, lhe fizesse justiça, realizando-lhe um sonho legítimo que em vida afagara, e sanando-lhe uma ferida cruel que o magoara, não descansei um minuto.

E o Prof. Mário de Figueiredo ouviu-me, ajudou-me a ser-lhe grato. É com enternecimento que escrevo estas palavras sinceras à memória de um homem que na terra em que viveu e morreu, e não era a sua, foi alguém, pela actividade, pela tenacidade, pelo poder de realização.

Têm a sua marca algumas obras perduráveis. Foi um valor que nem todos souberam apreciar. É a triste sina dos que sobem acima da craveira na escala social. A unanimidade dos sufrágios só a desfrutaram os medíocres e os nulos”<sup>25</sup>.

E volvidos alguns anos após a morte de Bernardino, o Teatro por ele sonhado passou a ter o seu nome. O “Jordão” foi durante décadas referência para os vimaranenses e não só, havendo quem recorde com nostalgia as festas ali realizadas para onde convergiam as mais distintas famílias do País, iniciando-se a apetência da Cidade para a vertente cultural do turismo.

<sup>25</sup> Pimenta, Alfredo, *Op. cit.*, p. 228.

## Fontes e bibliografia

- AZEVEDO, Correia de, *Grandes Figuras do Trabalho*, s/d, Vol.
- CESAR, Amândio, Alfredo Pimenta – Terra e Poesia, ed. Câmara Municipal de Guimarães, 1960;
- MORAES, Maria Adelaide Pereira de, *140 anos do Lar de Santa Estefânia (1858-1998)*, ed. Lar de Santa Estefânia, Guimarães, 2000;
- MORAES, Maria Adelaide Pereira de, Velhas Casas XII «História do Palácio de Vila Flor ou Cavalinho», *Boletim de Trabalhos Históricos*, série II, vol. VII, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães, 2006.
- PIMENTA, Alfredo, *Páginas Minhotas*, organizações Bloco, Lisboa, 1950
- *A Electricidade em Guimarães*, ed. Bernardino Jordão, Filhos & Comp. Lda, 1959: s/p.
- «Supposto Crime de Furto de Electricidade», agravante: Bernardino Jordão; agravados: Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães e o Ministério Público, Tipografia Progresso, Porto, 1916;
- Jornal O Comércio de Guimarães – (Vários números);
- Jornal Notícias de Guimarães – (Vários números);
- [www.museu-emigrantes.org](http://www.museu-emigrantes.org)

## NOTAS

<sup>1</sup> Nos anos quarenta do século XX, após a morte de Bernardino Jordão, no Palácio de Vila Flor, apareceu um conjunto significativo de armas, de proveniência desconhecido, posteriormente entregues às autoridades policiais.